

SUMÁRIO

<i>As Obras Reunidas de Joseph Campbell</i>	11
<i>Prefácio do organizador</i>	13
<i>Introdução</i>	17
PRIMEIRA PARTE O HOMEM E O MITO	29
CAPÍTULO 1 A NECESSIDADE DE RITOS	31
As funções da mitologia	31
Mito e desenvolvimento do indivíduo	38
Mitos para o futuro	46
CAPÍTULO 2 O MITO ATRAVÉS DO TEMPO	49
A aparência e a substância do mito	49
O nascimento do mito: sociedades primitivas e antigas	53
O nascimento do Oriente e do Ocidente: as culturas avançadas	63

SEGUNDA PARTE O MITO VIVO	71
CAPÍTULO 3 SOCIEDADE E SÍMBOLO	73
O mecanismo dos mitos: como os símbolos atuam	73
Sociedade, mito e desenvolvimento pessoal	75
O ego: Oriente e Ocidente	78
CAPÍTULO 4 O MITO E O <i>SELF</i>	89
Jung e as polaridades da personalidade	89
Os arquétipos do inconsciente coletivo	94
CAPÍTULO 5 O MITO PESSOAL	109
Jung: qual é o mito pelo qual eu vivo?	109
As funções tradicionais e atuais da mitologia	127
TERCEIRA PARTE A JORNADA DO HERÓI	133
CAPÍTULO 6 O <i>SELF</i> COMO HERÓI	135
QUARTA PARTE DIÁLOGOS	157
CAPÍTULO 7 DIÁLOGOS	159
<i>Notas</i>	181
<i>Uma bibliografia de Joseph Campbell</i>	191
<i>O autor</i>	195
<i>A Fundação Joseph Campbell</i>	203

AS OBRAS REUNIDAS DE JOSEPH CAMPBELL

Quando morreu, em 1987, Joseph Campbell deixou um volume significativo de obras publicadas, que investigavam aquilo que foi a paixão da sua vida: o conjunto de mitos e símbolos universais por ele denominados “uma grande história da humanidade”. Deixou também uma quantidade enorme de obras não publicadas: artigos esparsos, anotações, cartas e diários, além de palestras gravadas em fitas de áudio e vídeo.

A Fundação Joseph Campbell (JCF) foi criada em 1991 para preservar, proteger e perpetuar a obra do autor. Ela tem se dedicado à catalogação de seus originais e de suas gravações em formato digital e à publicação de material inédito e obras esgotadas na série As Obras Reunidas de Joseph Campbell.

AS OBRAS REUNIDAS DE JOSEPH CAMPBELL
Robert Walter, editor-chefe
David Kudler, organizador

PREFÁCIO DO ORGANIZADOR

Em 1972, enquanto compilava seu livro *Myths to live by* [*Para viver os mitos*], baseado em palestras que realizara durante duas décadas, Joseph Campbell disse ter tido uma revelação:

A idéia que eu tinha de mim mesmo era que crescera nesse período, que minhas opiniões haviam mudado e, também, que eu progredira. Mas, quando reuni aqueles textos, todos diziam essencialmente a mesma coisa – ao longo de décadas. Descobri um pouco sobre o que me impulsionava. Eu não tinha uma idéia muito clara do que era até reconhecer a continuidade que havia no livro inteiro. Vinte e quatro anos é um bom espaço de tempo. Muita coisa aconteceu nele. E eu continuo a tagarelar sobre a mesma coisa.¹

Ao compilar este livro, baseado em mais de uma dúzia de palestras, entrevistas e seminários ministrados por Campbell entre 1962 e 1983, tive uma impressão bem parecida.

Eu selecionara todos esses textos porque mostravam Campbell explorando a idéia da mitologia como uma ferramenta para promover e entender o crescimento psicológico do indivíduo – aquilo a que ele chamava quarta função ou função

psicológica do mito. Minha primeira intenção foi apresentar uma espécie de panorama histórico do pensamento de Campbell sobre o tema.

Além disso, percebi que as idéias que ele postulou após concluir suas palestras na Cooper Union* e a longa série *The Masks of God* [As Máscaras de Deus] eram mesmo muito parecidas com aquelas que ele continuava investigando perto do fim da vida, ainda que em situações mais informais e intensivas, como os workshops do Instituto Esalen, nos quais comemorava seu aniversário todo ano. Parte de seu pensamento amadureceu – por exemplo, suas impressões acerca das promessas e dos perigos do LSD como uma porta para a liberação das imagens míticas do inconsciente coletivo –, mas a tese geral permanecia a mesma. Ele sentia que o mito propiciava uma referência para o crescimento e a transformação pessoal e que o entendimento de como os mitos e os símbolos afetam a mente do indivíduo oferecia a possibilidade de viver uma vida em sintonia com sua própria natureza – um caminho para a bem-aventurança.

A lenta elaboração das idéias de Campbell tornou a organização deste livro infinitamente mais fácil e mais difícil do que a dos volumes anteriores da série *As Obras Reunidas de Joseph Campbell* em que trabalhei. *Sake & satori: Asian journals – Japan* [Saquê e satori: os diários asiáticos – Japão; ainda não traduzido para o português] foi tirado de fonte única, contínua, o que me permitiu verificar se Campbell contava bem a sua história. *Myths of light: Eastern metaphors of the eternal* [Mitos de luz: metáforas orientais do eterno] baseou-se em palestras e textos inéditos, abrangendo trinta anos de reflexões de Campbell a respeito da religião da Índia e do leste asiático; mas, quando ordenei os tópicos de tal forma que fizessem sentido como uma exploração da idéia do divino transcendente, cada parte se encaixou muito bem, com uma palestra por seção.

A primeira parte deste livro, “O homem e o mito”, analisa o desenvolvimento histórico do mito como uma ferramenta para o crescimento não de sociedades, mas de indivíduos. Essa seção veio de uma série de palestras igualmente variadas. Meu maior trabalho ao organizá-las foi eliminar as redundâncias, de modo que o leitor não deparasse, por exemplo, com quatro ensaios separados a respeito das quatro funções da mitologia.

A segunda parte, “O mito vivo”, no entanto, centra-se na psicologia fundamental do mito e proveio de uma série de apresentações realizadas ao longo de quase

* Tradicional faculdade de artes, arquitetura e engenharia, com sede em Nova York. (N. do T.)

uma década, todas intituladas “Vivendo o seu mito pessoal” (título que o próprio Campbell nunca apreciou muito). Às vezes era uma palestra de uma hora de duração, às vezes um seminário de uma semana. Em cada um dos casos, os tópicos tratados tiveram abordagem similar, embora apresentados com ordem e ênfase distintas, de acordo com a platéia, os acontecimentos da época e as reflexões de Campbell sobre o tema. Isso tornou mais difícil que o habitual a compilação de uma análise inteligível e ao mesmo tempo completa das suas idéias.

A terceira parte, intitulada “A jornada do herói”, explora a premissa básica lançada por Campbell na sua obra original *The hero with a thousand faces* [*O herói de mil faces*] como uma ferramenta para se olhar a própria vida. Aqui, apresentou-se outro desafio. A maioria desse material veio de um módulo de três dias de um seminário de 1983 que durou um mês. O seminário, por ter tomado o caráter de uma discussão bastante livre e ampla, acabou ficando com uma forma bastante difusa. Para dizer o mínimo, foi complicado encontrar o fio da narrativa sem impor uma tese nem reduzir a análise a ponto de torná-la incompreensível. Essa talvez tenha sido a experiência mais difícil e exigente de todas.

Um dos prazeres de ler – e editar – a obra de Joseph Campbell é que sua mente, tal qual a rede de pedras preciosas de Indra, une uma brilhante jóia de pensamento à outra, encontrando sempre o fio conector. Como afirmei na introdução de *Myths of light* [*Mitos de luz*]: os notáveis saltos conceituais deste livro podem ser atribuídos a Campbell; quaisquer lapsos de lógica devem ser imputados somente a mim.

É importante saber que a minha contribuição ao dar vida a este livro é apenas uma de muitas. Quero reconhecer o trabalho incansável de Robert Walter, presidente da Fundação Joseph Campbell (JCF), que não apenas manteve vivo o legado do autor nesses dezessete anos após a sua morte, dirigindo a pequena porém florescente organização sem fins lucrativos que vem levando adiante sua obra, mas também me ajudou a fazer a seleção em meio a caixotes de transcrições e fitas de áudio, fiando-se na própria experiência de amigo e editor de Campbell para encontrar o material certo para este livro.

Quero também agradecer o empenho infatigável de Jason Gardner, da New World Library, que se juntou a nós para dar vida a esta série maravilhosa e crescente; e de Mike Ashby, que quase não se abalou quando se viu diante do sânscrito, do japonês e de *Finnegans Wake*.

Quero ainda agradecer a contribuição de Sierra Millman e Shauna Shames, jovens brilhantes sobre as quais ouviremos falar muito nos próximos anos e que fizeram as transcrições de partes desta obra. Sierra Millman também fez a edição original da primeira parte, “O homem e o mito”.

Por fim, gostaria de agradecer à minha mulher, Maura Vaughn, com quem trilho o caminho, e que faz valer a pena trilhá-lo.

David Kudler

16 de julho de 2004

INTRODUÇÃO²

Há pouco tempo, eu estava falando para um grupo no Instituto Esalen, na Califórnia. A maioria era de mulheres, e elas estavam muito interessadas em saber se existiam nos mitos clássicos modelos para as mulheres que buscavam ser soldados, executivas ou algo parecido – e não existiam. Então surgiu a questão de as figuras míticas poderem servir como modelos.

Quer sirvam quer não, eu diria que a situação típica é a de que os mitos da sociedade *constituem* modelos para essa sociedade em determinada época. A imagem mítica mostra a forma pela qual a energia cósmica se manifesta no tempo; à medida que mudam os tempos, mudam os modos de manifestação.

Como eu disse ao grupo, os deuses representam as forças protetoras que sustentam o indivíduo em seu campo de ação. Ao contemplar as divindades, esse indivíduo ganha uma espécie de força estabilizadora que o coloca, por assim dizer, no papel representado por uma divindade particular. Existem os patronos divinos da agricultura, os patronos divinos da guerra etc. Na tradição clássica, não existe um patrono divino para a mulher no mundo dos negócios, na guerra etc. Atená é

a deusa protetora dos guerreiros, mas não uma guerreira. Já Ártemis pode ter sido uma caçadora, mas representa o poder transformador da deusa, da natureza, não a ação na esfera social. O que uma executiva poderia aprender com Ártemis?

Onde quer que exista uma imagem mítica, ela foi legitimada por décadas, séculos ou milênios de experiência nessa trajetória e constitui um modelo. Não é fácil construir uma vida própria sem dispor de um modelo. Não sei como é agora, neste exato momento, quando tantas possibilidades novas se abriram para a vida. Mas na minha experiência foi sempre o modelo que deu a idéia da direção a seguir e determinou o modo de lidar com os problemas e as oportunidades que surgiram.

Mito não é o mesmo que história. Os mitos não são histórias inspiradoras sobre pessoas que viveram uma vida notável. Não, o mito é o transcendente na relação com o presente. Um herói popular, por sua vez, é diferente do personagem de uma biografia, mesmo que tenha sido uma pessoa real em determinada época – John Henry ou George Washington. O herói popular representa um traço transformador no mito. Quando existe uma tradição mítica oral, ela sempre se mantém atualizada. Nas lendas dos índios norte-americanos são mencionadas bicicletas e a forma da cúpula do Capitólio de Washington. Tudo é incorporado à mitologia imediatamente. Na nossa sociedade de textos fixos e palavras impressas, é função do poeta ver o valor vital dos fatos que nos cercam e deificá-los, por assim dizer, a fim de prover imagens que relacionem o dia-a-dia com o eterno.

Claro que, ao tentar se relacionar com o transcendente, as imagens não são necessárias. Pode-se adotar o caminho Zen e esquecer completamente dos mitos. Mas estou me referindo ao caminho mítico. E o mito proporciona um campo em que você pode se situar. Esse é o sentido da mandala, o círculo sagrado, seja você um monge tibetano, seja o paciente de um analista junguiano. Os símbolos são dispostos à volta do círculo, e você deve colocar-se no centro. Um labirinto, obviamente, é uma mandala embaralhada em que você não sabe onde está. Para quem não tem uma mitologia, o mundo é assim – um labirinto. Essas pessoas tentam abrir o caminho à força, como se ninguém tivesse passado por ali antes.

Conheci faz pouco tempo o trabalho do esplêndido psiquiatra Karlfried Graf Dürckheim na Alemanha (não o confunda com o sociólogo francês Émile Durkheim). Esse psiquiatra resumiu todo o problema da saúde – psicológica e física – relacionando-o com o mito, dando prosseguimento à obra de Carl Gustav

Jung e Erich Neumann.³ Dürckheim diz que vive em nós uma sabedoria de vida. Todos somos a manifestação de uma força mística: o poder de vida, que deu forma a toda a vida, que deu forma a todos nós no útero materno. Esse tipo de sabedoria vive em nós e representa a força desse poder, dessa energia, fluindo no campo do tempo e do espaço. Mas é uma energia transcendente. É uma energia que vem de uma esfera além do nosso poder de conhecimento. E essa energia fica contida em cada um de nós – neste corpo – para um determinado compromisso. A mente que pensa e o olho que vê podem se envolver tanto em conceitos e tarefas específicos, temporais, que ficamos atados, não permitindo que tal energia flua. E assim adoecemos. A energia é bloqueada e deixamos nosso centro – essa idéia lembra muito os princípios da medicina tradicional chinesa e indiana. Assim, a questão psicológica, o modo de evitar o bloqueio, é tornar-se – e eis aí a expressão – *transparente ao transcendente*. É tão simples quanto parece.

O que o mito faz para você é apontar o transcendente além do terreno do fenômeno. Uma figura mítica é como o compasso que usávamos na escola para desenhar círculos e arcos, com uma ponta na esfera do tempo e a outra na eternidade. A imagem de um deus pode assumir uma forma humana ou animal, mas a sua referência transcende a isso.

Mas, ao traduzir a ponta do compasso que se mexe, metafórica, para uma referência concreta – um fato –, o que se obtém é apenas uma alegoria, não um mito. Enquanto um mito aponta para algo indescritível que está além de si mesmo, uma alegoria é apenas uma história ou imagem que ensina uma lição prática. É o que Joyce chamava de arte *imprópria*.⁴ Se a referência da imagem mítica for a um fato ou conceito, tem-se então uma figura alegórica. Uma figura mítica tem uma ponta no transcendente. E um dos problemas da popularização das idéias religiosas é que o deus se torna um fato definitivo, e não mais transparente ao transcendente. É a isso que se refere Lao-tsé quando diz, no primeiro aforismo do *Tao-Tê-Ching*: “O Tao do qual se pode falar não é o Tao”.⁵

Faça seu deus transparente ao transcendente, e o nome dele deixa de ser importante.

Quando você tem uma divindade como modelo, sua vida torna-se transparente ao transcendente, desde que você perceba a inspiração daquele deus. Isso implica viver não em nome do sucesso ou de conquistas no mundo, mas em nome da transcendência, deixando a energia circular.

Claro que, para atingir o transpessoal, é preciso passar pelo pessoal; é preciso ter ambas as qualidades. No século XIX, o etnologista alemão Adolf Bastian falava da existência de dois níveis em todos os mitos: o elementar e o local. É necessário extrapolar a própria tradição – o nível local – para chegar ao nível transcendente, ou elementar, portanto é preciso ter uma relação com Deus tanto no campo pessoal quanto no transpessoal.

Nas sociedades primevas, o xamã provê um canal vivo entre o local e o transcendente. O xamã é aquele que passou por uma crise psicológica e se recuperou. O garoto ou a garota que entra na adolescência tem uma visão ou ouve um canto, que resultam em um chamado. O indivíduo experiencia uma doença neurótica, com calafrios. Trata-se, de fato, de um episódio psicótico; a família, por viver em uma tradição que conhece isso, solicita a um xamã que dê ao jovem as instruções que o tirarão dessa situação difícil. As disciplinas incluem representar certos ritos psicológicos que fazem o indivíduo retomar o contato com a sociedade novamente, passando a cantar o seu próprio canto.

Claro, o que esse indivíduo encontra ao penetrar fundo no inconsciente é o inconsciente de toda a sociedade a qual pertence. Essas pessoas estão atadas a um horizonte estreito e compartilham um sistema limitado de problemas psicológicos. E assim o xamã se torna um professor e guardião da tradição mítica, mas é isolado e temido; é uma posição muito perigosa de se assumir.

Uma pessoa mais velha pode *querer* tornar-se xamã em certas sociedades e, portanto, deve submeter-se a certas provações para adquirir o poder que o primeiro xamã conquistou automaticamente. No nordeste da Sibéria e em muitos locais da América do Sul e do Norte, a vocação de xamã implica uma vida travestida. Quer dizer, o sujeito deve levar a vida do sexo oposto. Isso significa que ele transcendeu os poderes do seu sexo de nascimento, de modo que as mulheres vivem como homens e os homens como mulheres. Esses xamãs travestidos desempenham papel significativo na mitologia dos índios do sudoeste dos Estados Unidos – hopis, povos, navajos e apaches – e também dos sioux e muitos outros.

Waldemar Bogoras e Waldemar Jochelson foram os primeiros a identificar essa inversão de sexos no povo chukchi da península Kamchatka, na Sibéria.⁶ Os dois presenciaram uma grande variedade de reações a esse fenômeno. Em uma delas, alguns rapazes que ouviram o chamado para se tornar aquele que denominam “homem delicado” sentiram-se tão envergonhados e revoltados com isso que co-

meteram suicídio. Se o xamã não atende ao chamado, sente-se psicologicamente arrasado e destruído. É uma convocação com enorme carga psicológica.

Li recentemente a história de uma mulher que foi criada numa estância mineral no estado de Virgínia do Oeste. Quando era garotinha, ouviu uma música linda ao caminhar por um bosque. Ela não sabia o que devia fazer em relação a isso. O tempo passou e, quando ela chegou aos 60 anos, recorreu a um psiquiatra com a sensação de que desperdiçara uma vida. Sob hipnose profunda, ela se recordou dessa música.⁷ Claro, você já sabe qual música é essa: o canto do xamã.

É atendendo a esse canto, a essa imagem visionária, que os xamãs se tornam centrados. Garantem paz a si mesmos quando entoam as canções e executam os ritos. Bem na ponta da América do Sul, na Terra do Fogo, vivem aquelas que devem ser as tribos mais rudimentares do continente americano: ona e yagán. No início do século XX, o padre Alberto de Agostini, que também era cientista, viveu com esses povos por certo tempo e revelou praticamente tudo que sabemos de sua mitologia. O padre conta que acordava no meio da noite e ouvia o xamã tocando seu tambor e entoando seu canto, sozinho, a noite inteira – conectado ao poder.⁸

A idéia de conectar-se ao poder por meio do seu mito do sonho reflete o modo como os mitos costumam atuar. Se for uma mitologia viva, uma mitologia organicamente relevante para a vida das pessoas daquela época, a repetição dos mitos e a execução dos rituais centram o indivíduo. O ritual é a simples representação do mito; ao participar de um rito, participa-se diretamente do mito.

No mundo dos navajos de hoje – no qual existe muita neurose porque esse povo guerreiro se encontra numa reserva, e não mais levando uma vida tradicional –, os rituais de pintura na areia são usados para a cura. É a repetição do mito vezes sem fim. Isso torna a pessoa transparente ao transcendente.

É assim que o mito funciona.

Pela minha experiência nesses assuntos, percebo que o meu melhor ensinamento veio sempre da Índia. Quando eu estava para fazer 50 anos e havia estudado e ensinado mitologia durante metade da vida, enfim me perguntei: como junto tudo isso? Bem, pensei, existe um lugar em que o mito predominou durante eras, e não só foi dominante como também traduzido em idéias, para que se pudesse ler a seu respeito; existem comentários e discussões milenares. Assim, você não é obrigado a simplesmente assimilar o que puder por meio de uma apreciação estética imediata.

Então fui à Índia, e de repente tudo passou a fazer sentido para mim.⁹ Descobri que as minhas melhores reflexões sobre o assunto resultaram principalmente do que aprendi lá.

Uma doutrina proveniente da tradição vedanta me ajudou a entender o caráter da energia que perpassa os mitos. O Taitirya Upanixade fala de cinco receptáculos que envolvem o *atman*, que é a base ou o germe espiritual do indivíduo.

O primeiro receptáculo chama-se *anamaia-kosha*, o receptáculo do alimento. É o nosso corpo, que é feito de alimento e se transformará em alimento quando morrermos. Os vermes, os abutres, as hienas ou o fogo o consumirão. É o receptáculo do corpo físico – a vestimenta do alimento.

O segundo receptáculo é o da respiração, *pranamaia-kosha*. A respiração oxigena o alimento, dá vida a ele. É essa coisa, esse corpo: alimento no fogo.

O receptáculo seguinte é o mental, *manomaia-kosha*. É a consciência do corpo e coordena os sentidos com o que você pensa que é você.

Então existe um grande hiato.

O receptáculo seguinte é o da sabedoria, *vijnanamaia-kosha*. É o receptáculo da sabedoria da torrente transcendente. Trata-se da sabedoria que fez você se formar no útero de sua mãe, que o faz digerir as refeições, saber como fazê-lo. É a sabedoria que, quando uma pessoa se corta, sabe curar a ferida. O corte sangra e depois se forma uma crosta; por fim, forma-se uma cicatriz – é obra do receptáculo da sabedoria.

Você sai para passear na mata. Alguém ergueu uma cerca de arame farpado. Ela está bem apoiada na árvore. A árvore incorpora o arame farpado. A árvore o possui – o receptáculo da sabedoria. É esse grau de sabedoria natural que você compartilha com as montanhas, as árvores, os peixes, os animais. O poder do mito é colocar o receptáculo mental em contato com o receptáculo da sabedoria, aquele que manifesta o transcendente.

E o receptáculo dentro do receptáculo da sabedoria é o da bem-aventurança, *anandamaia-kosha*, que é a semente daquela transcendência em si e de si. A vida é uma manifestação da bem-aventurança. Mas *manomaia-kosha*, o receptáculo mental, está preso aos sofrimentos e aos prazeres do receptáculo do alimento. Assim, ele pensa: “Vale a pena viver?” Ou, como pergunta Joyce em *Finnegans Wake*: “Valeu viver a vívida?”*¹⁰

* Tradução livre: “*Was liffe [sic] worth living?*” (N. do T.)

Basta imaginar um gramado que cresce. Do receptáculo da bem-aventurança surge o receptáculo da sabedoria, e a grama cresce. Então, de duas em duas semanas, alguém aparece com um cortador para aparar a grama. Daria para imaginar a grama pensando “Ora, bolas, para que toda essa confusão? Desisto?”

Isso é coisa do receptáculo mental. Vocês conhecem esta reação: “A vida é dolorosa; como um deus bom pôde criar um mundo com tudo isso?” É o mesmo que pensar em termos de bem e mal, luz e trevas – pares de opostos. O receptáculo da sabedoria desconhece pares de opostos. O receptáculo da bem-aventurança contém todos os opostos. O receptáculo da sabedoria provém exatamente disso e mais tarde se transforma em pares de opostos.

Quando estive no Egito, fui à pequena tumba de Tutankhamon. Comparada à tumba de Sêti I, bem ao lado, mais parecia uma edícula. Há duas saletas do tamanho de uma quitinete. O túmulo de Sêti é do tamanho de um ginásio de esportes pequeno. Foi por isso que ninguém se preocupou em saquear a tumba de Tutankhamon, e é por isso que hoje conhecemos os objetos maravilhosos que nela estavam.

Apliquemos ao esquife de Tutankhamon a imagem indiana dos receptáculos. Não sei se os escultores egípcios pretendiam isso, mas foi o que vi. Há três caixas quadrangulares, uma dentro da outra: o receptáculo do alimento, o receptáculo da respiração e o receptáculo mental. Essa é a parte externa. Há então um grande ataúde de pedra que separa os dois receptáculos internos dos externos. E o que se vê lá dentro? Um sarcófago feito de madeira e incrustado de ouro e lápis-lazúli. Tem o formato do jovem rei, com os símbolos da realeza entrecruzados em seu peito. Eu diria que esse é o receptáculo da sabedoria, o plano da forma orgânica viva.

Dentro dele está o receptáculo da bem-aventurança: um ataúde de ouro maciço, de várias toneladas, na forma de Tutankhamon. Ao saber como se extraía o ouro naquele tempo, percebemos que o sarcófago custou muitas vidas e impôs enorme sofrimento para que se obtivesse toda aquela quantidade de ouro. Esse é o receptáculo da bem-aventurança.

E dentro dele, claro, estava o *atman*, o corpo propriamente dito. Infelizmente, os egípcios cometeram o enorme erro de confundir a vida eterna com a vida eterna concretizada do corpo. Assim, o que se vê quando se vai ao Museu Egípcio? Paga-se um pouco mais para ir à sala da múmia. E chega-se a uma sala com três fileiras de ataúdes de madeira. Em cada um repousa um faraó. E o nome dos faraós está lá como numa coleção de borboletas: Amenotep I, II, III etc.

Só consegui me lembrar do berçário de uma maternidade, onde ficam os bebezinhos. Os egípcios basearam tudo isso – a construção das pirâmides e daquelas tumbas enormes – nesse erro fundamental, o de que a vida eterna seja a vida do *anamaia-kosha*, o receptáculo do alimento. Ela não tem nada com isso. A eternidade não tem relação alguma com o tempo. O tempo é que exclui alguém da eternidade. A eternidade é o agora. É a dimensão transcendente do agora a que o mito se refere.

Todas essas coisas permitem-nos compreender o que na verdade é o mito. Quando alguém diz “bem, sabe como é, isso não pode ter acontecido e aquilo não pode ter acontecido; então, vamos nos desfazer dos mitos”, está se desfazendo é do diálogo entre o *manomaia-kosha* e o *vijnanamaia-kosha*, entre a sabedoria mental e a sabedoria orgânica, do corpo vivo.

Essas divindades nos mitos servem de exemplo, proporcionam modelos de vida, desde que se entenda sua referência de roçar o transcendente. O que significa a idéia cristã de *imitatio Christi*, a imitação de Cristo? Que você deva ser crucificado? Nada disso. Significa viver com um pé na transcendência, como Deus.

Diz Paulo: “Vivo, mas não eu; Cristo vive em mim”.¹¹ Isso significa que o eterno opera em mim. E é esse o sentido da consciência do Buda, a consciência que é tanto o universo inteiro quanto você mesmo.

Os mitos dizem que, se nos engajarmos no mundo de determinada maneira, estaremos sob a proteção de Atená, sob a proteção de Ártemis, sob a proteção deste, daquele ou de qualquer outro deus. São modelos. Não temos isso hoje. A vida mudou tão rapidamente que mesmo a forma de pensar considerada normal quando eu era garoto não é mais a mesma; o cenário é outro, e tudo muda muito, muito rápido. Hoje não temos a estase necessária para a formação de uma tradição mítica.

Pedra que rola não cria limo. O mito é o limo. Então, hoje você tem de fazer tudo sozinho, de improviso. Entendo o presente como um momento de queda livre no futuro, sem orientação. Tudo que você precisa saber é como cair, o que também se aprende. É essa a situação do mito neste instante. Estamos todos sem guias confiáveis.

Mesmo hoje, contudo, podemos contar com dois tipos de guia. O primeiro pode ser uma pessoa da sua juventude, que lhe pareceu ter uma personalidade valorosa e louvável. Você pode usar essa pessoa como modelo. O outro é viver para a bem-aventurança. Desse modo, sua bem-aventurança se torna a sua vida. Existe um ditado em sânscrito que diz: “As três facetas do pensamento que indicam um

ponto mais próximo da beira do abismo do transcendente são *sat, chit e ananda* – existência, consciência e bem-aventurança”.¹² Pode-se chamar transcendência tanto a um vazio quanto ao todo, qualquer um desses dois, porque ela está além do alcance das palavras. Só podemos falar daquilo que se encontra deste lado da transcendência. E o problema é abrir as palavras, abrir as imagens, de modo que apontem para além de si mesmas. Elas tenderão a impedir a experiência devido à sua opacidade. Mas aqueles três conceitos são os que o levarão mais perto daquele vazio: *sat, chit e ananda* – existência, consciência e bem-aventurança.

Desde que fiquei mais velho, passei a pensar nessas coisas. Não sei o que é *existência*. Nem o que é *consciência*. Mas sei o que é *bem-aventurança*: aquela sensação profunda de estar presente, de fazer o que você decididamente deve fazer para ser você mesmo. Se você conseguir se ater a isso, já estará no limiar do transcendente. Poderá até não ter dinheiro, mas isso não importa. Após anos de estudo na Alemanha e em Paris, voltei três semanas antes da quebra de Wall Street, em 1929, e não consegui emprego por cinco anos. Felizmente para mim, não havia assistência social. Eu não podia fazer nada a não ser ficar sentado em Woodstock, lendo e tentando descobrir onde estava a minha bem-aventurança. Sentia-me o tempo todo à beira da empolgação.

Então, o que eu disse aos meus alunos foi: sigam sua bem-aventurança. Haverá momentos nos quais vocês a experimentarão. E, quando esses momentos passarem, o que será dela? Fiquem com ela, pois há mais segurança nisso do que em tentar descobrir de onde virá o dinheiro no ano seguinte. Durante anos, vi jovens às voltas com a decisão de que carreira seguir. Só existem duas atitudes: uma é seguir a própria bem-aventurança; a outra é ler as previsões de onde estará o dinheiro quando eles se formarem. Mas, isso muda rápido demais. Neste ano, é a informática; no ano que vem, a odontologia, e assim por diante. Seja qual for a escolha do jovem, quando chegar lá tudo vai ter mudado. Mas, se ele descobrir qual é a essência da sua bem-aventurança, poderá alcançá-la. Ele talvez não ganhe muito dinheiro, mas terá sua bem-aventurança.

Esse caminho pode guiá-lo até o mistério transcendente, pois é a fonte da energia da sabedoria transcendente dentro de você. Assim, quando a bem-aventurança estanca, saiba que você bloqueou a fonte – tente reencontrá-la. Ela será Hermes, seu guia, o cachorro que consegue seguir a trilha invisível para você. É assim que é. Você entende seu próprio mito dessa maneira.

Podemos encontrar algumas pistas em tradições mais antigas. Mas elas devem ser encaradas como sugestões. Muitos sábios já disseram: “Não se pode usar o chapéu alheio”. Quando as pessoas se empolgam com o Oriente e põem turbantes e saris, deixam-se enredar pelo aspecto cultural da sabedoria de que necessitam. Você deve encontrar a sabedoria, não as roupas que a revestem. Por meio desses ornamentos, mitos de outras culturas, você pode chegar a conhecimentos que terão de ser traduzidos para sua sabedoria pessoal. A questão principal é converter essas mitologias num caminho próprio.

Nos meus cursos de mitologia na Sarah Lawrence*, lecionei para pessoas de praticamente todas as religiões que se possa imaginar. Para algumas, pensar em termos mitológicos é muito mais difícil do que para outras, mas todas foram criadas segundo algum tipo de mito. Acabei descobrindo que qualquer tradição mítica pode ser traduzida para a sua própria vida, se tiver sido incutida em você. É ótimo apegar-se ao mito que lhe foi incutido enquanto criança, porque ele está em você, quer você queira quer não. Deve-se traduzi-lo pela eloquência que ele tem, e não só pelas palavras. Você precisa aprender o seu canto.

Tenho um amigo, um sujeito muito interessante, que nasceu presbiteriano, interessou-se pelo hinduísmo e, em seguida, tornou-se seguidor de um monge hindu em Nova York por cerca de vinte anos. Então foi à Índia e se tornou um monge. Certo dia, ligou para mim e disse: “Joe, vou me converter ao catolicismo”.¹³

Bem, a Igreja passou a se interessar pela universalidade ecumênica. Pelo menos é o que ela acha. Claro que, quando você se senta à mesa com eles, percebe que não estão nem um pouco interessados nisso. Não abrem o jogo. Jogam criticando as outras religiões. Meu amigo – que agora já não é mais monge hindu, mas sim católico romano – escreveu para uma revista de jesuítas americanos e disse: “Não, não se pode tratar as outras religiões desse modo. Para ter contato com o pensamento dos hindus e dos budistas, é preciso saber o que eles pensam, e não apenas interpretá-lo depreciativamente”.

Então, ele foi enviado a Bancoc por ocasião de uma grande conferência de ordens monásticas de tradição católica – a mesma conferência em que Thomas Merton morreu eletrocutado por causa de uma gambiarra num hotel.

O fato interessante que meu amigo contou foi que os monges católicos romanos e os monges budistas não tiveram dificuldade de se entender. Cada qual buscava a

* Faculdade de artes e humanidades, ao norte da cidade de Nova York. (N. do T.)

mesma experiência e sabia que ela era indizível. A fala é somente um esforço para levar o ouvinte à beira do abismo; é um sinal, não a coisa em si. Mas os clérigos seculares ouvem a fala e se perdem na letra morta – é aí que surge o conflito.

Heinrich Zimmer, meu antigo mentor, tinha um lema: as primeiras coisas mais importantes não podem ser ditas – são verdades inefáveis, transcendentais. O segundo tipo é mal-entendido: são os mitos, tentativas metafóricas de apontar o caminho das primeiras. E o terceiro tipo de melhores coisas está ligado à história, à ciência, às biografias etc. A única fala passível de ser entendida é essa última. Quando se quer falar do primeiro tipo – as melhores coisas que não podem ser ditas –, usa-se o terceiro como meio de comunicação. Mas as pessoas entendem que ele se refere diretamente ao terceiro; a imagem não é mais transparente ao transcendente.

Vou contar uma história que me parece incorporar a imagem essencial do que seja viver a sua própria vida, encontrá-la e ter a coragem de buscá-la. É de um romance arturiano, *La queste del Saint Graal* [A busca do Santo Graal], escrito por um sacerdote anônimo do século XIII.

Há uma passagem nessa história em que todos os cavaleiros estão reunidos em volta da tábua redonda do rei Artur. Este não deixava ninguém começar a comer enquanto não acontecesse uma aventura. Bem, naquele tempo as aventuras eram muito corriqueiras, de modo que as pessoas não ficavam com fome por muito tempo.

Eles aguardavam a aventura desse dia, e ela realmente ocorreu. O Santo Graal apareceu para os cavaleiros ali reunidos – não em toda a sua glória, mas coberto por um tecido bonito, brilhante. Em seguida, sumiu. Todos ficaram arrebatados, deslumbrados.

Por fim, Gawain, sobrinho de Artur, levantou-se e disse: “Proponho que todos desta companhia façamos um voto: sair em busca do Graal para contemplá-lo descoberto, desvelado”.

E então chegamos à passagem que me interessa. Diz o texto: “Eles acharam que seria uma desgraça partir em grupo. Cada qual entrou na Floresta Aventurosa em um ponto escolhido, onde fosse mais escuro e não houvesse caminho nem trilha”.

Você entra na floresta no ponto mais escuro, onde não há uma trilha. Se existir caminho ou trilha, será o caminho ou trilha de outra pessoa; cada ser humano é um fenômeno único.

A idéia é encontrar o próprio caminho da bem-aventurança.

PRIMEIRA PARTE

O HOMEM E O MITO

A NECESSIDADE DE RITOS¹⁴

As funções da mitologia

Tradicionalmente, a primeira função de uma mitologia viva é conciliar a consciência com as condições da sua própria existência – quer dizer, com a natureza da vida.

A vida vive da vida. Sua primeira lei é: eu vou comer você, depois você vai me comer – algo difícil para a consciência assimilar. Esse negócio de a vida viver da vida (da morte) vinha acontecendo há bilhões de anos, até que os olhos se abriram e perceberam o que já estava acontecendo muito antes do surgimento do *Homo sapiens* no universo. Os órgãos vitais evoluíram a ponto de depender da morte de outros para existir. Esses órgãos têm impulsos que a consciência nem percebe; quando os percebe, talvez você se assuste com o horror de ser esse comer-ou-ser-comido.

O impacto de tal horror numa consciência sensível é imenso – a monstruosidade que é a vida. A vida é uma presença horrenda, e você não estaria aqui se não fosse ela. A primeira função de uma ordem mitológica tem sido reconciliar a consciência com esse fato.

As primeiras ordens mitológicas, primitivas, são afirmativas, acolhem a vida como ela é. Acho que nenhum antropólogo é capaz de documentar uma mitologia primitiva que negue o mundo. É surpreendente perceber que os povos primitivos topavam com as dores, as agonias e os problemas só por estarem vivos. Estudei bastante os mitos dessas culturas em todo o mundo e não me lembro de encontrar uma única palavra negativa no pensamento primitivo com relação à existência ou ao universo. A aversão em relação ao mundo apareceu mais tarde, com as pessoas que levavam uma vida de opulência ou luxo.

A única maneira de afirmar a vida é afirmá-la até a sua raiz, até a base horrenda e podre. É esse tipo de afirmação que se encontra nos ritos primitivos. Alguns deles são tão brutais que é difícil ler a respeito, quanto mais presenciá-los. Mesmo assim, apresentam uma imagem vívida à mente adolescente: “A vida é monstruosa e, se você quer viver, terá de viver *assim*” (ou seja, “de acordo com as tradições da tribo”).

Esta é a primeira função da mitologia: não a mera reconciliação entre a consciência e as condições da sua própria existência, mas a reconciliação com a gratidão, o amor, o reconhecimento da delicadeza. Pela amargura e pela dor, a experiência primordial no âmago da vida é doce, maravilhosa. Tal visão afirmativa aparece sempre nesses ritos e mitos incríveis.

Então, por volta do século VIII a.C., ocorreu o que chamo de Grande Inversão. Algumas pessoas de certa sensibilidade descobriram que não podiam afirmar o horror diário da vida. Sua concepção de mundo reflete-se nas palavras de Schopenhauer: “A vida é algo que não deveria ter sido”¹⁵. A vida é um equívoco fundamental, metafísico, cósmico. Tantas a acharam tão horrenda que acabaram se afastando dela.

Que mitologia surgiu então? Naquela época, passaram a existir mitologias de retiro, recusa, renúncia – negação da vida. Encontramos aí as ordens mitológicas de fuga. E me refiro à fuga de verdade: deixar o mundo. Como o indivíduo pode eliminar de si mesmo a premência de continuar vivo ou o ressentimento com uma vida que não dá o que ele acha merecer, uma vida que vem a ser esse horror? Como apagar a premência da vida ou a decepção com a vida? Honrando as mitologias que servem a esse fim, as que negam o mundo, as que negam o cosmos. O jainismo ou o budismo monástico inicial são ótimos exemplos desse enfoque metafísico.

O jainismo talvez seja a religião existente mais antiga do mundo. Há hoje um número bem reduzido de jainistas, principalmente em Bombaim e seus arredores. Sua